

Médicos desconhecem causas de surgimento do distúrbio

15

Diminuição de neurônios poderia contribuir para o aparecimento da dislexia na fase embrionária

A medicina ainda tateia em relação às causas da dislexia. Há inúmeras hipóteses para explicar o surgimento do distúrbio na fase de migração dos neurônios, no embrião, para áreas específicas do cérebro. O neurocirurgião infantil Sérgio Cavalheiro, que mapeia o cérebro de crianças e adultos disléxicos por meio de ressonância magnética, confirmou a teoria do neurologista Albert Galaburda, da Universidade de Harvard (EUA). Ele observou a diminuição de volume do lobo temporal do lado dominante do cérebro (esquerdo), responsável por funções como audição, motricidade e aprendizagem, quando comparado ao lobo do hemisfério direito.

Segundo a tese do especialista norte-americano, a quantidade diminuída de neurônios nessa região poderia contribuir para o aparecimen-

to da dislexia na fase embrionária, quando as células nervosas migram em direção ao lobo temporal. Galaburda é um dos especialistas estrangeiros que virão ao Brasil, em maio do próximo ano, para o primeiro simpósio internacional sobre dislexia. Os estudos da função cerebral começam a ser feitos agora associado à ressonância magnética ao Pet-Scan, um método de visualização de órgãos no qual o paciente recebe uma substância marcadora que vai se fixar na área deficitária. "Desse modo será possível identificar áreas específicas relacionadas a falhas de aprendizagem do disléxico."

Segundo Cavalheiro, outros estudos mostraram que crianças geradas durante o inverno europeu apresentavam maior incidência do distúrbio quando comparadas a bebês que resultaram de gestações em outras es-

tações. "Uma hipótese para explicar isso seria o maior consumo de álcool e outras drogas durante o inverno", afirma o neurocirurgião. Agressões imunológicas ao feto em mães portadoras de doenças autoimunes, como o lúpus eritematoso, também responderiam por maior frequência de crianças disléxicas.

A neurologia admite a existência de um componente genético, pela identificação de dislexia em famílias (em pais e filhos, por exemplo), mas o gene envolvido ainda não foi identificado.

O que se sabe de concreto é que, por caracterizar uma disfunção funcional, a dislexia não é tratada com medicamentos. "O suporte psicológico e o treino insistente das deficiências de compreensão da linguagem são o caminho indicado", diz Cavalheiro.

PAÍS TERÁ 1º
ENCONTRO
INTERNACIONAL
SOBRE O TEMA